

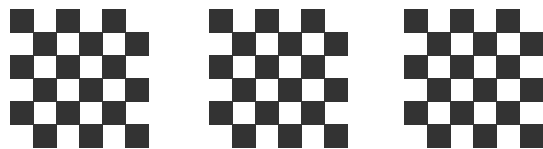
# Arte é emancipação

Alex Frechette

## BIBLIOGRAFIA

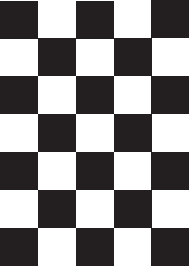
CAMNITZER, L. Arte contemporânea colonial. In FERREIRA, G. e COTRIM, C. (Orgs.) *Escritos de Artistas 60/70*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 266-274

PASSARELI, M. Um ensaio sobre corpos estranhos dentro de um ambiente padronizado. Rio de Janeiro: 2018. Disponível em: <<https://issuu.com/mkmdr/docs/corpo-estranho>> Acessado em: 20 mar. 2020



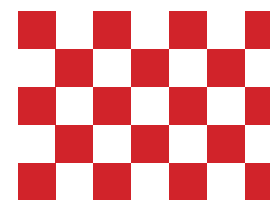
A arte analisa, critica e transforma em objeto artístico, entre outras coisas, as relações de poder da sociedade. O bolsonarismo ataca a arte porque sabe que nela há um paradoxo de poder: o de parecer secundária e ao mesmo tempo não ser. Ao lidar com a questão da visibilidade, as artes (plásticas, por exemplo) fomentam este paradoxo – que é apenas um dentro de uma profunda caixa de paradoxos. Afinal, por que a arte amedronta este setor de fanáticos do poder?

Artistas plásticos não estão constantemente numa mídia maciça. Então, já que esta seleção é mais difícil, preferem atacar o campo da cultura, que é mais amplo. É preciso lembrar, entretanto, que arte e cultura são coisas diferentes. Como diria Godard, “cultura é a regra, arte é a exceção”. A cultura pode ser algo reacionário também, como nos lembra Félix Guattari, pois pode ser uma espécie de conservação de imposições autoritárias validadas pelo tempo. A cultura como algo que nos regra, e a arte como algo que problematiza estas regras – acredito ser este o pensamento de Godard.



Assim, extinguir o Ministério da Cultura (algo que Michel Temer chegou a fazer, mas voltou atrás), limitar as políticas públicas para a arte (com os critérios “técnicos”, leia-se: conservadores), criticar as práticas dos museus (vide a exposição *Queermuseu*), propor uma censura econômica à produção cinematográfica etc., pode parecer muito eficiente nesta guerra inventada, porém os bolsonaristas/olavistas acreditam que é apenas numa direção verticalizada das influências que a arte ou os artistas ou o público se alimenta e produz. Se enganam. Contra o que chamam de “marxismo cultural”, esquecem que não dá – por exemplo – para acabar com o Ministério da Arte, simplesmente porque este nunca existiu. Assim como não dá para acabar com o Método Paulo Freire nas escolas, porque ele nunca foi oficialmente implementado. É assim que, sob certa leitura, o pensamento de Godard pode parecer elitista (no sentido de que apenas alguns têm acesso ao pensamento artístico), mas, sob outra, pode parecer marginal (arte é dissenso). Mais um paradoxo da caixa de paradoxos da arte, que, entretanto, a emancipa disso tudo.

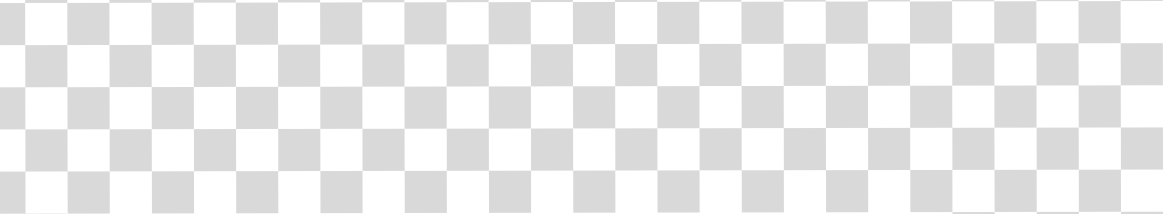
Muitas crianças e jovens, por exemplo, se interessam por arte, mesmo sem frequentar os sistemas gerais instituídos de arte contemporâ-



nea (museus, galerias, bienais etc.). Vejo isso nas minhas aulas de arte para o ensino fundamental. Mesmo que os enigmas da arte contemporânea possam parecer insossos na adolescência, há sempre outros aspectos sedutores nas artes plásticas: a cor, a técnica, a forma, o tema. Assim, mesmo que várias institucionalidades estejam sendo atacadas, há muitas práticas instituintes de arte na esfera privada, doméstica – como a prática do desenho, por exemplo. No espaço público vemos lambe-lambes, estênceis, pichações. Essas práticas não precisam de subvenções, são autônomas, como por exemplo o fato de que uma ideia não morre, nem se enfraquece, nem se desidrata porque é atacada pelo governo.

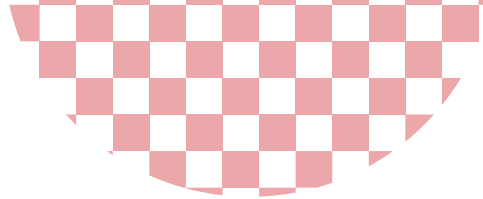
Claro que o artista precisa de dinheiro e tempo. E a precarização das relações de trabalho, acredito, acaba sendo mais eficaz para a suspensão da arte do que o ataque as ideias. Entretanto, quem sempre foi marginal, o que tem a perder? Ailton Krenak disse: “Somos índios, resistimos há quinhentos anos, fico preocupado é se os brancos vão resistir”. Conheço muitos, muitos artistas marginalizados. Eles não deixam de fazer seus trabalhos, todos os dias. Não quero romantizar a resistência, apenas mostrar que ela existe independentemente das subvenções públicas mais





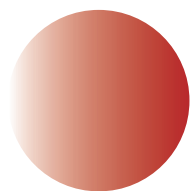
gerais. Paradoxalmente, os bolsonaristas tornam a produção destes meus amigos cada vez mais relevante.

Particpei, nos anos 2000, da cena artística musical do Rio de Janeiro. Era um mundo com dezenas, talvez centenas de bandas de rock que tocavam todo o final de semana em inúmeros lugares diferentes. Havia uma grande produção em torno disso: fanzines, CDs demo, shows, encontros etc. Como era possível que houvesse uma enorme produção de músicas, de arte, e nada ou quase nada aparecesse nas grandes mídias? Será que éramos todos simplesmente ruins? Éramos ignorados pelo mercado cultural, e ao mesmo tempo, comunitariamente, o ignorávamos. Se houvesse quem gostasse da nossa música, uma pessoa que fosse, todo o imenso trabalho, automaticamente, fazia sentido. A ideia punk do “faça você mesmo” era maior do que qualquer atenção da indústria cultural. Este pensamento anárquico se atualizava a cada show, a cada encontro, e conceitos como hierarquia, importância, gravadoras etc. era deixado de lado, pelo menos durante algum tempo. Lutávamos contra uma estrutura social excludente, herdada, criando nossa própria comunidade, invisível e insurreta, baseada na rebeldia do rock. Pelo menos



a mim, naquela época, tocando numa banda, a ideia de governo, de Estado, de partido, ou mesmo sindicato, não interessava. O que valia era a não institucionalização do pensamento.

Pensando em artes plásticas, como podemos apagar da mente a visão de mãos impressas nas cavernas de Altamira, na Espanha, feitas há milhares de anos? Ou dos animais pintados na Serra da Capivara, no Piauí? Estas imagens podem ser revistadas pela memória a qualquer momento, sem que nunca tenhamos tido a experiência da viagem física até estes lugares. Estas imagens, classificadas como arte rupestre, carregam uma pergunta intrigante até hoje: por que aquilo foi feito? Quantas histórias são inauditas e se perdem todos os dias? Por que os artistas continuam a fazer o que fazem?



Não acho que arte em geral deva realizar transformações na sociedade em grande ou pequena escala – não colocaria desta forma –, assim como não acho que a salvação seria submeter os trabalhos de arte à indústria cultural ou à indústria do entretenimento, para alcançar mais pessoas. Viver como artista ou público de arte já é uma atividade e tanto, uma aventura da existência.



O ataque recente à sede da produtora da Porta dos Fundos, quando um grupo integralista atirou coquetéis molotov no local, só aconteceu porque grupos ultraconservadores acharam que estavam sendo ameaçados pelos milhões de visualizações que o Porta dos Fundos tem, pelo seu poder de convencimento. “A minoria tem que se adequar à maioria”, já disse Bolsonaro, então quem não tem essa quantidade de visualizações precisa revidar. O pavor de ser visto como minorias é real: o Porta dos Fundos é perigoso, mesmo que, tirando este véu da polêmica, o especial de Natal seja até inocente.

Alguns dizem que fazem “arte de direita”, como o próprio secretário da cultura de Bolsonaro. Por minha vez, nunca ouvi o termo “arte de esquerda”. Tendo a achar que ela é mais anárquica do que partidária, e penso que os artistas anônimos, invisíveis para a esfera pública, constroem o dissenso fundamental. A arte não morre, ela não precisa de pódios, prestígio, “sede de nomeada” como diria o personagem Brás Cubas, de Machado de Assis, ou do status de heroína (infeliz é a sociedade que necessita de heróis, já diria Bertolt Brecht), nem mesmo de ajuda gover-

namental. A arte pode estar vinculada à cultura, à estética; pode estar ligada ao Ministério da Cidadania, ao Ministério do Turismo, a alguma secretaria, qualquer coisa assim. Mas sua parte rebelde irá se imantar a isso. Artistas plásticos, especificamente, em raros casos são grandemente famosos – mesmo que a matéria-prima de seus trabalhos seja a visibilidade. Podem ser até invisíveis, se assim quiserem (vide Banksy), fazendo bufar o bolsonarismo personalista que quer nos atacar. Arte é exercício de criatividade, portanto, liberdade. Portanto, emancipação.

